



Um estudo completo sobre

JUSTIFICAÇÃO

WALKIRIO SOUZA LIMA

HAVIA ÍNTIMA comunhão entre Deus e o homem antes de o pecado entrar no mundo. Mas, com a entrada do pecado, aquela relação foi quebrada e o homem procurou fugir da presença de Deus. Justificar significa restaurar o homem à posição original e à comunhão com Deus. Representa purificá-lo da culpa e isentá-lo dela. Podemos ainda definir **justificação** como uma mudança de estado de culpa e conseqüente condenação, para o estado de absolvição e aceitação.

A justificação é um acto e atributo que somente compete a Deus, permitindo que o homem entre em nova relação com Ele. Como resultado do pecado o homem tornou-se corrupto: «...perdeu a semelhança moral com Deus, todos os seus poderes se perverteram. Os pensamentos, os desejos, a vontade, tudo se tornou corrompido. O homem arruinou o poder de direcção própria. Perdeu aquela comunhão íntima que tinha com Deus. Já não sentia a presença de Deus consigo. Finalmente, todas as tendências da sua personalidade se volveram para o pecado. O homem tornou-se carnal». (A. B. Langton).

Na justificação, o homem é absolvido; mas na realidade a justificação abrange muito mais do que a absolvição. Num tribunal, quando uma pessoa é absolvida, declara-se que está isenta de culpa ou crime; assim o juiz a declara livre de qualquer culpa ou crime. Para ser novamente julgada é preciso que se apresente nova evidência que possa provar a culpa. O homem, porém, não tem de que se desculpar diante de Deus. Ele é culpado, porque «todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus». (Romanos 3:23). Ele está condenado diante do tribunal de Deus; a justiça exige a sua condenação, mas Jesus Cristo, que foi achado sem culpa, tomou o lugar do pecador, morrendo em seu lugar. Ele pagou a pena do pecado, satisfazendo, assim, as exigências

da lei. Desse modo, o culpado é julgado em Cristo e indultado na base de que o sangue de Cristo expiou o seu pecado. Em Cristo ele é encontrado sem culpa e, conseqüentemente, Deus, como juiz, declara que «nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus» (Romanos 8:1).

Conceitos de Justificação no Velho Testamento

No Velho Testamento, o verbo «justificar» tem duas significações: (1) «Prova judicial de inocência». Esta conclusão evidencia-se das seguintes passagens: «Quando houver contenda entre alguns, e vierem a juízo, para que os julguem, ao justo justificarão, e ao injusto condenarão». (Deuteronómio 25:1). «De palavras de falsidade te afastarás, e não matarás o inocente e o justo, porque não justificarei o ímpio». (Êxodo 23:7). A palavra é empregada significando: «declarar justo» em sentido legal, em vez de «tornar justo» em sentido moral. Isto se esclarece pela palavra contraposta à Justificação — «Condenação». «Ao justo justificarão e ao injusto condenarão». (Deuteronómio 25:1). «O que justifica o ímpio, e o que condena o justo, abomináveis são para o Senhor». (Provérbios 17:15).

(2) «Declaração ou imputação de inocência ao culpado». Esta interpretação é evidente pelas expressões empregadas para indicar os resultados em sentido espiritual. «Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade, e em cujo espírito não há engano». (Salmo 32:1, 2). De Abraão é-nos dito: «E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça». (Génese 15:6).

(Continua na pág. 7)

"estai vós apercebidos"

Actividade Missionária dos Mórmones

SALT LAKE CITY — Uns 20 000 missionários mórmones baptizaram mais de 70 000 pessoas em todo o mundo no ano passado, segundo Spencer W. Kimball, presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia (mórmones).

Cerca de um terço de todos os membros mórmones do sexo masculino tornam-se missionários à idade de 19 anos e são chamados a servir durante dois anos. As mulheres que desejem servir em missões devem esperar até aos 21 e são chamadas por 18 meses. Todos pagam as suas próprias viagens e despesas pessoais.

Os missionários mórmones devem ser sempre conservadores na maneira de vestir, limitar as suas leituras aos livros autorizados pela Igreja, ver cinema e televisão só com autorização especial, renunciar à natação e outros desportos perigosos, nunca estar sós com uma pessoa do sexo oposto, afastar-se de tudo o que seja sexo e nunca se separar do seu companheiro missionário designado.

Um dia de trabalho missionário mórmones começa geralmente às 6.30 h da manhã com estudos até às 8 h, meia hora de intervalo para o pequeno-almoço, depois estudos novamente até às 9.30 h. A seguir «batem às portas» até ao meio-dia, tiram uma hora para almoçar, visitam as casas outra vez até às 21.30 h, tiram mais uma hora para o jantar, depois fazem planos para as actividades do dia seguinte e deitam-se às 22.30 h em ponto, seis dias por semana.

O Reavivamento Carismático entre os Ortodoxos

ANAHEIM (Estados Unidos) — Um teólogo ortodoxo grego predisse nesta cidade que o reavivamento carismático se espalhará pela comunidade ortodoxa oriental como «fogo selvagem» nos próximos anos.

O Padre Eusebius Stephanou, dirigente da Fundação Logos para o Despertamento Ortodoxo, de Fort Wayne, Indiana, disse que «visto os ortodoxos acreditarem que são os legítimos continuadores em linha directa da Igreja do apóstolo S. Paulo, não têm qualquer razão para não confiar no reavivamento carismático.» Acentuou que a Igreja Ortodoxa tem sempre ensinado que o baptismo do Espírito Santo — um dos elementos centrais do reavivamento — «é uma segunda bênção a seguir ao baptismo da água, naturalmente necessária para a salvação.»

Aquele religioso disse ainda que a actual vaga de expressão carismática na Ortodoxia, segundo pôde observar, teve a sua origem no fim da década de 60, quando quatro sacerdotes — independentemente uns dos outros — receberam o baptismo do Espírito Santo, falaram em línguas e procuraram conduzir as suas igrejas à experiência carismática. Dois desses padres dirigiam congregações em Phoenix, Arizona, um é pastor em Pittsburgh, e o quarto vivia em Huntington, na Virgínia Ocidental.

Notícias provenientes do Religious News Service, traduzidas de Ministry.

Primeira Assembleia Plenária

da

União Sul-Europeia da Igreja Adventista do Sétimo Dia

CONVOCATÓRIA

De acordo com o artigo IV, parágrafo 2 dos Estatutos em vigor, convoca-se a Primeira Assembleia Plenária da União Sul-Europeia da Igreja Adventista do Sétimo Dia para 1 de Abril de 1976, às 9 horas da manhã, na sede da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Espanha, Calle Allenza, 6, Madrid.

Roma, 8 de Dezembro de 1975.

Eliseo Cupertino — Presidente
Juvenal Gomes — Secretário

SUMÁRIO

Um estudo completo sobre Justificação

«Estai vós apercebidos»

Página Editorial — «Pregai o Evangelho» em Acção - 75

Série Reformismo — Conferência Geral

História do Mês — O índio «Olho de Águia»

Departamento de Educação — As três tarefas para 1976

Tem a Palavra o Leitor — O Espírito Santo e eu — A origem do mal

O valor do dinheiro

Notícias do Campo

Caixa de Perguntas

Breves Notícias do Mundo Adventista

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

FEVEREIRO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 353

Director: ANTÓNIO SIMÕES LOPES BAIÃO

Administrador: JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 50\$00
Número avulso 5\$00
Estrangeiro 70\$00

«PREGAI O EVANGELHO» EM ACÇÃO-76

Estamos a chegar a mais uma campanha de evangelização.

Mais uma «Acção», este ano: a de 76.

Esta actividade já se vai tornando habitual e com isso corremos o risco de cairmos numa certa rotina, que se tornará sem dúvida perniciosa.

A Igreja foi formada com o fim de pregar o Evangelho eterno.

Temos de levar ao conhecimento das almas, que ainda se encontram no vale da indecisão e no das trevas da noite, a Boa Nova da Salvação. Este é um trabalho de todos nós; nele deve estar envolvido não só o pastor, ancião e demais oficiais da igreja, mas todos os membros.

Deve haver em cada um de nós um verdadeiro sentimento de urgência. «Evangelizai as cidades sem demora, porque o tempo é curto. O Senhor tem posto este trabalho diante de nós durante estes últimos vinte anos ou mais. Pouco tem sido feito em alguns lugares, **mas muito mais poderia ser realizado.**» (**Evangelismo**, pág. 33).

Só poderemos realizar mais unindo todos os esforços. Estou certo de que muito tem sido negligenciado nesta obra de evangelizar, seja por indiferença própria, seja pela dos que organizam e dirigem. Uns e outros precisam compreender como é importante a cooperação total. Por vezes penso como a obra do Senhor se desenvolveria se cada um de nós conduzisse, durante este ano, uma alma aos pés de Jesus. Isso significaria que o número

de membros duplicaria, o que já por si era algo de extraordinário, mas mais ainda reflectiria uma consagração e um espírito evangélico semelhante ao da Igreja apostólica. «E **todos os dias**, no Templo e nas casas não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo.» (Actos 5:42).

Foi esta perseverança diária na pregação do evangelho e também o «espírito unânime» que produziram o milagre de milhares de conversões.

É agora, e antes de começarem as reuniões, que se deve organizar todo o trabalho e estabelecer contactos pessoais através da distribuição de literatura e inscrições para o curso bíblico por correspondência, a fim de que muitas almas possam sentir interesse em participar, na altura devida, nas conferências públicas.

«Dois a dois», visitemos os lares, coloquemos as pessoas em face das realidades presentes, através da advertência bíblica. «A obra evangelística de abrir as Escrituras a outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar mais e mais o tempo dos servos de Deus.» (**Evangelismo**, pág. 17).

O Senhor, por certo, abençoará todos os pastores e respectivas igrejas, na medida em que se mobilizarem ao serviço do Mestre, organizando-se com fé e entusiasmo, na certeza do êxito que está previsto para esta obra.

A. Baião

Iniciamos este mês a publicação de uma série de artigos sobre o Reformismo. Trata-se de importantes documentos, da autoria de um grupo de ex-reformistas brasileiros, empenhados em ajudar outros reformistas a se unirem à Igreja Adventista do Sétimo Dia. A iniciativa desta publicação na Revista Adventista portuguesa deve-se ao próprio autor do presente artigo e de vários outros que serão publicados nos próximos meses.

CONFERÊNCIA GERAL

PASTOR JOSÉ LAERTE BARBOSA,
actualmente professor de teologia
no Instituto Adventista de Ensino,
São Paulo, Brasil

FAZ 112 ANOS que, por inspiração divina, estamos organizados sob a forma peculiar de Conferência Geral. A mensageira da Igreja Remanescente, chamada por Deus em Dezembro de 1844, militou durante 70 anos, e a todas as reuniões da Conferência Geral da Igreja Adventista ofereceu os seus inesquecíveis préstimos. Assim, entre outras, lembramos, com carinho, datas como 1863, 1888, 1893, 1901, 1913 ...

No começo deste século, e segundo a Orientação Profética, Ellen G. White, a querida irmã dos adventistas, deu instruções para uma ampla reorganização geral da Obra de Deus. A sede foi transferida para Washington, D. C., EUA, novos métodos foram adicionados aos métodos assentes progressiva e judiciosamente, desde meados do século XIX, e um servo do Deus Altíssimo, por nome Arthur Grosvenor Daniels, foi eleito presidente mundial.

Assim como Josué assumiu a chefia de Israel na antiguidade, por ocasião da morte do profeta Moisés, da mesma forma arrostava Daniels os gigantescos problemas da chefia do Israel moderno, quando, com semelhante dor, contemplou os dias finais da profetisa do povo adventista, em 1915. Desde os 17 até aos 87 anos de idade, ela trabalhou pelo povo adventista, morreu e foi sepultada, assistida pelos dirigentes adventistas. No seu testamento registou o desejo expresso de que o seu funeral fosse oficiado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Logo, não deveria ser sepultada por pastores de outra igreja qualquer, por muito parecido que pudesse ser o seu nome.

Assim como **todos** os seus antecessores e sucessores, Daniels ficou firme e fiel até ao fim da sua vida, e terminou os seus dias dentro da Igreja Adventista. No livro **Mensagens Escolhidas**, Vol. 1, páginas 54 e 55, lemos que também William Clarence White, filho de Tiago e Ellen G. White, foi um homem escolhido por Deus antes mesmo do nascimento. Foi, portanto, um como Jeremias. Morreu na década de 1930, dentro da Igreja Adventista.

Desta nobre linhagem sacerdotal é o Pastor R. H. Pierson, eleito em Detroit em 1966, reeleito em Atlantic City em 1970, e mais uma vez reeleito em Viena, em Julho deste ano (1975) para o quinquénio 1975/1980.

Os milhares dos nossos lídimos irmãos, oriundos de cerca de duzentos países, que assistiram às pragmáticas reuniões da Conferência Geral, iniciadas em 10 de Julho último, se consultados, seriam unânimes em reconhecer que todas as páginas desta edição seriam insuficientes para relatar todos os multífários e omnímodos sucessos ali presenciados durante tão poucos dias: menos de duas semanas depois, tudo estava pronto e a multidão começava a arrumar as malas para regressar aos mais diferentes pontos do Planeta.

Cada um dos delegados presentes podia contemplar admirado os acontecimentos do dia anterior, na **Review and Herald** que diariamente era distribuída, pontualmente, na hora da abertura dos trabalhos do dia seguinte ...

Mediante o elevadíssimo preço involuntariamente pago com a perda de uma juventude inteira, sabemos, por lúgubre experiência própria, que em outros arraiais impera a mais energuménica ignorância. Quando chega a época das «quadrienais», as trevas que cobrem a terra e a escuridão que permeia os povos acumulam-se geralmente no Brasil. O espúrio movimento de Reforma de 1914 (1951?) da facção que melhor pode ser identificada por lavrikismo, já realizou, de 1951 para cá, cinco dessas reuniões e, durante o preparo destas linhas, está continuando em São Paulo a celebração da sexta reunião iniciada há cerca de um mês e meio, em Brasília.

Tomamos 1951 como referência, porque o movimento separatista surgido na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial mantinha a aparência de coesão até à fatídica data de 20 de Maio de 1951, quando, numa reunião extraordinária na Holanda, se manifestou abertamente o acentuado processo de entropia prevalecente naquelas fileiras apóstatas

desde o surgimento. Sendo, pois, testemunha ocular de inúmeros factos, dividimos a história da «Reforma» em ANTES DE 51 e DEPOIS DE 51. Certo professor, de espírito atilado, com quem mantivemos um quarto de século de constante companheirismo, membro destacado da Igreja Adventista em São Paulo, divide a mesma história por um critério diferente: «A história do lavrikismo divide-se em duas fases distintas — PRÉ-AB e PÓS-AB».

A razão por que o ilustre pensador assim raciocina é simples. Por volta de 1950, quando os Srs. Lavrik, Nicolici, Craviotto, etc., ainda estavam aparentemente unidos, nessa época, tendo conhecido a Mensagem Adventista através da Família Berg, em Moji das Cruzes, o Sr. AB saiu pela tangente, escolhendo o movimento reformista, como bom arrivista que ele, AB, sempre foi. Inegavelmente é um autêntico «homem de talento e maneiras agradáveis» (**O Grande Conflito**, 488, 489), e tem conseguido habilidosamente prender muitas almas sinceras nessas íngremes, escorregadias, dúbias e téticas veredas de perdição.

Ora, AB, apesar de na ocasião não ter nem mesmo o curso de 2.º grau completo, mas por falar três idiomas, foi um precioso achado, uma oportuna aquisição do Sr. Lavrik, sapateiro de profissão, e renomado caudilho reformista em terras brasileiras. AB, baseado na abstrusa «teologia» leiga que encontrou como substrato, passou a engendrar derivações «teológicas» para justificar mesmo a existência indevida do movimento espúrio. O referido cavalheiro não estivera na Alemanha em 1914, nem fora delegado da Conferência Geral na Holanda em 1951, porém, com a sua entrada temerária para o lavrikismo, comprou gratuita e concomitantemente duas intrigas: uma encetada contra a «igreja grande» (Igreja Adventista), e outra contra «os irmãos separados de Speele» (kozelismo). Estas últimas expressões colocadas entre aspas, ouvimo-las inúmeras vezes do próprio Sr. AB!

Condensando esta triste e longa história: está ainda vivo e perfeitamente são o pastor e professor Siegfried Kümpel, que já teve o elevado privilégio de desmascarar Lavrik na nossa presença em Socorro, SP., em 1944, bem como o Sr. AB, em São Paulo, em 1958. Também está vivo (mas não está nada são da mente) o Sr. J. Glont, pai e presidente vitalício da estrambelhada IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA MOVIMENTO DE REFORMA CORTEJO NUPCIAL, que, por sua vez, derivou a sua néscia «teologia» da «exegese escatológica» da Parábola das Dez Virgens, engendrada pelo Sr. AB. ...

Complicado, não? Não se importem os distintos leitores. Se por esta altura estiverem com dor de cabeça, náuseas ou «atordoação», imaginem o desgosto de nós outros, que lá perdemos toda a juventude. Parte dela passámos, inclusive, como secretário esteno-dactilógrafo do próprio Sr. AB a que nos referimos. Começamos estas tristes lides ao lado desse Canright moderno, em Dezembro de 1956, quando ele era o gerente da que pomposamente se intitula «EDITORIA MISSIONÁRIA 'A VERDADE PRESENTE'» ...

Usámos os quatro parágrafos anteriores para uma digressão necessária, porém voltemos às assembleias da «Conferência Geral» reformista ocorridas desde 1951, a saber:

1.ª) 1955, em São Paulo. No dia 1.º de Maio desse ano, o então pastor reformista Gustav Fronz oficiou o nosso baptismo em Vila Matilde, a «Battle Creek» reformista. Ou a Meca, como preferirem... Hoje Fronz é membro da Igreja Adventista. Que bom! Também o pastor Jans se tornou ASD e não voltou mais ao Brasil para a assembleia seguinte. Delport, idem.

2.ª) 1959, em São Paulo. Entre outros, que logo a seguir deixaram o reformismo, consta a simpática figura do pastor Hartman, também da Alemanha ...

3.ª) 1963, na Alemanha. Viajaram como delegados o irmão Moysés Lavra, actualmente pastor distrital adventista em São Paulo, bem como o Dr. Emmerich Kanyo, que nessa reunião foi apontado para presidente mundial. Declinou espontaneamente e foi eleito vice-presidente. Faz agora 2 anos que é um ardoroso membro da Igreja Adventista em São Paulo ...

4.ª) 1967, em São Paulo. Esta foi a mais longa e escandalosa assembleia desde 1951! Ocupar-nos-emos dela mais adiante, mas é bom que se diga desde já que, logo em seguida, e como fruto de profunda reflexão, se iniciou em muitos corações sinceros o inconformismo que no início dos anos 70 eclodiu na evasão maciça em direcção a um destino comum: a Igreja Adventista!

5.ª) 1971, na Asa Norte da Capital Federal do Brasil. Assim como os reformistas se dão à pachorra de manter o rótulo de «obra mundial com sede nos EUA», da mesma forma procuraram «ombrear» com a IASD, realizando tais reuniões em Brasília, simplesmente para impressionar. Há diversos outros motivos ligados a essa peculiar e insana estratégia, mas o espaço não nos permite examiná-los ... Os delegados, conforme plano adrede preparado, visitaram a redacção de influentes jornais do Planalto Central, que, na qualidade de imprensa pública, meramente informativa, trouxeram manchetes dando conta de que «Adventistas estão em conclave mundial em Brasília». Há, entretanto, alguns senões: nem Pierson nem o Espírito Santo dirigia esses «adventistas» que tinham como escopo o «ministério da invencionice», como diz destacado jornalista que, como experiente pastor adventista, dirige o Q. G. da que chamamos Operação Reforma. Que lhes parece, caríssimos leitores?

Em 1971 houve quase meia dúzia de delegados censurados porque admitiam a falácia do «Movimento de Reforma» e criam na autenticidade da Igreja Adventista. Dois deles foram Moysés Lavra e Avelino Rodrigues, hoje adventistas. Dois deles tiveram credenciais cassadas e retornaram para os países que representavam (Argentina e EUA), sem ter participado do conclave. A correspondência de um fora violada pelos membros do «sinédrio» que habitualmente se reunia na Rua Tobias Barreto n.º 809, no bairro do Belém em São Paulo. Os delegados censurados eram íntimos da ala universitária, que era tachada de subversiva, terrorista, etc. Os seus componentes foram apelidados de «corriola».

Enquanto isso, os membros do «sinédrio» modoravam de um lado para outro, simulando alguma actividade e amando cada vez mais a sua deliciosa sinecura.

Chegamos finalmente a 1974. O órgão oficial reformista [revista **Observador da Verdade** (?)] propalou ostensivamente que em Outubro de 1975 a assembleia geral seria realizada na América do Norte. O fogo de palha logo cessou, com notícias providas (agora verbalmente) da própria direcção, e passou-se a saber que mais uma vez Brasília assistiria a modorrentas, mui longas e desencontradas e até acaloradas reuniões. No exacto momento do preparo desta matéria, já faz cerca de um mês e meio que delegados «de todo o mundo» estão reunidos novamente. Normalmente, nem mesmo os chefes sabem ao certo quanto tempo duram as actividades, que consistem mais em dissecar o comportamento real e também o imaginário, da Igreja Adventista. Por exemplo, costumam «provar» que a IASD está unida com o Papa, que nos países em que não há liberdade os próprios pastores adventistas trabalham literalmente no dia do sábado, etc. ... Quanto ao Sr. AB, chegou dos EUA (onde existem menos de 200 reformistas) e está sossegado no Brasil desde Julho último. Quando voará de volta ao Exterior, queimando dólares sagrados, ninguém sabe ...

Agora resumimos os acontecimentos da famosíssima reunião da «Conferência Geral» de 1967. Passem os leitores: os trabalhos tiveram início por volta de meados de Agosto em Vila Matilde (bairro proletário da Zona Leste de S. Paulo), e depois de inúmeras marchas e contra-marchas, para a coroação de uma conferência cheia de «sucessos», houve, publicamente, tremendas discussões entre lavrikistas e kozelistas, estes últimos chamados especialmente da Alemanha, para uma tentativa de reconciliação. Mas o desejo de supremacia de ambos os lados resultou em total frustração. Quatro líderes kozelistas esbanjaram em vão preciosos marcos alemães com passagens de avião a jacto, e a paz não foi conseguida. Nem mesmo a «amistosa» troca de púlpitos ou o uso conjunto da tribuna «sagrada» garantiu a «détente». Parte desse «Watergate» ocorreu em tardes de sábado e na tarde do último domingo de Outubro de 1967, na presença mesmo de visitantes adventistas, como bem se recorda o autor de mais este oportuno depoimento! Os pobres reformistas de ambas as facções ficaram desorientados; ambos os movimentos se debilitaram a ponto de perderem completamente a moral diante de tudo e de todos. Então e só então esses amalequitas modernos pararam de atacar o verdadeiro Israel actual, para voltarem à carga de 1973 para cá, quando a fina flor daquele grupo social resolveu abandonar de vez aqueles arraiais pejados de maldição. A bem da verdade, diga-se que o próprio articulista assistiu a tudo isto e a muito mais. Era Novembro de 1967 e ainda havia delegados do Exterior «zanzando» em Vila Matilde!

Não sabemos muito nem temos interesse em saber do que exactamente se passa desde os primeiros dias de Outubro, entre os separatistas. Entre-

tanto, o presidente eleito em 1967 em São Paulo, e reeleito em 1971 em Brasília, foi novamente reeleito agora em Brasília. Ainda bem que o Pastor R. H. Pierson, autêntico chefe do Israel actual, não é homem ciumento. Até nisto está a imitação! A apagada cópia de carbono de que se valem desde 1914, agora faz uma desesperada tentativa de apresentar a nitidez da moderna xerox!

Conforme rotina da facção lavrikista, a priori podemos prever o local e data da próxima assembleia geral: Brasília 1979. Ou mudariam também o programa para os EUA/1980, só porque o pastor Pierson deverá estar em Dallas daqui a 5 anos? Seria o cúmulo da insana e quixotesca emulação, mas é possível, pois possuem no País do Tio Sam um local apropriado: uma fazenda a que o próprio Sr. AB, poliglota, criando um «neologismo» um tanto quanto esperantista, chama de «farma», que em última análise seria um produto linguístico híbrido, mistura da palavra **fazenda** em inglês (farm), e que em castelhano e em português termina com a letra **a!** AB é hoje formado em Letras — o «M. R.» pagou os seus estudos e livros e propiciou-lhe tempo e dinheiro para viagens às Américas, África, Europa, Japão, etc. ... pobres dizimistas reformistas!

Vem agora a propósito a ponderação: quais os dirigentes que, estando hoje em Brasília, reconhecerão brevemente estar entre nós a Verdade Presente, e serão os próximos a se evadirem depressa da confusão, à semelhança dos que vieram anteriormente? As nossas ferventes preces intercessórias têm subido ao Céu, a fim de que o Espírito Santo impressione, mesmo lá dentro desse sinédrio moderno, a todos quantos são sinceros. Quem sabe se muitos estarão também connosco em Dallas em 1980, se o mundo durar! Temos o firme propósito de assistir a essa futura reunião da autêntica Conferência Geral, no País de Ellen G. White, irmã de todos quantos aceitam a tempo a Igreja Adventista como o Remanescente que é conduzido pelo profeta. Vamos juntos, irmão reformista?

Que Deus continue abençoando todos os sinceros que ainda estão extraviados nesses asquerosos atalhos, antros de demagogia, mediocridade, mesquinhez, embuste, cabotinismo, madracice, hipocrisia e farisaísmo. Que venham todos os sinceros, porque a maioria dos dirigentes não escondem que se comprazem deliberadamente na aleivosia, caviliosidade, ignorância, e no inadimplemento de sagrados deveres. Estes terão o seu lugar assegurado no lago do fogo eterno. Que o Grande Deus de Abraão, Isaque e Jacob traga depressa todos os sinceros para a Sua Cidadela, enquanto é tempo de graça!

Damos de viva voz e plena pena o testemunho vibrante de que a Igreja Adventista é, nos nossos dias, a cidade de refúgio onde há luz, vida, prosperidade, certeza, tranqüilidade e paz, não só para o irrisório número de 144 mil almas desde 1844 até ao fim, como apregoam os de ideia tacanha, mas para milhões de sedentos e famintos que almejam hoje a eterna salvação.

Esta Igreja, irmão reformista sincero, ainda espera por ti!

JUSTIFICAÇÃO

(Continuação da primeira página)

Conceitos de Justificação no Novo Testamento

Como no Velho Testamento, o verbo «justificar» tem o mesmo significado. A afirmação é mais forte ainda com uma declaração ou imputação de inocência, e não uma transformação moral. «E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê». (Actos 13:29). «Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Ora, aquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas aquele que não pratica mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça». (Romanos 4:2-5).

«Assim também David declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras, dizendo: Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado». (Romanos 2:6-8). Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo». (Romanos 5:1). «Logo muito mais agora, sendo justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele salvos da ira». (Romanos 5:9).

A Justificação não Trata da Conduta do Homem

«Uma coisa clara em todas estas passagens é que «justificar» não significa «fazer justo», mas apresentar como justo, ou declarar justo em sentido legal; portanto a justificação não trata directamente do carácter ou conduta do homem. Devemos compreender que esta justiça é principalmente em relação com Deus, mas naturalmente será expressada nas relações com outras pessoas. Quando o pecador tiver relações certas com Deus, isto há-de produzir justiça na sua conduta diária.

A pessoa que é verdadeiramente justificada diante de Deus nunca procurará exhibir a sua própria justiça ou rectidão. Pois se isto for apresentado como «mérito», será considerada como «trapa de imundícia». (Isaías 64:6).

S. Paulo disse que desejava ser «achado n'Ele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé». (Filipenses 3:9).

Exemplo de Justiça Própria

Na parábola do fariseu e o publicano, Jesus não está discutindo os méritos dos fariseus nem os deméritos dos publicanos. Disse que o fariseu procurou justificar-se a si mesmo, dizendo: «Ó Deus, graças Te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo». Mas a história afirma que o publicano, «estando de pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!» E Cristo disse: «Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilhar será exaltado». (Lucas 18:9-14).

Jesus, falando a outro fariseu, disse: «Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; porque o que entre homens é elevado, perante Deus é abominação». (Lucas 16:15). Ninguém pode justificar-se a si mesmo diante de Deus, mas somente diante dos homens, porque, «é Deus que os justifica». (Romanos 8:33).

Deixam bem claro, as Escrituras, que a Justificação é um acto legal de Deus, pelo qual Ele declara justo e livre de qualquer culpa e condenação aquele que pela fé aceita a Jesus Cristo como seu Salvador.

A Grande Verdade Revelada

Sem nenhuma sombra de dúvida, a doutrina da justificação pela fé é a mais fascinante de todas as doutrinas bíblicas, porque ela desmascara toda a falsidade e todo o método de salvação que os homens inventaram.

É de muita importância conhecer alguns aspectos da justificação. Por exemplo, o aspecto negativo é o perdão do pecado e a eliminação da culpa. O homem é muito tardo para perdoar e compreender o perdão do ponto de vista de Deus. Por outro lado, parece fascínio, porque temos uma atitude indiferente para com o pecado, considerando-o de pouca consequência. Mas Deus é santo e não pode tolerar o pecado, contudo Ele perdoa o pecador livremente. A pessoa que considera o seu pecado como apenas uma ofensa contra si mesma, não pode compreender a beleza do perdão de Deus. Todo o pecado, seja grande ou pequeno, é uma ofensa contra Deus. «... o pecado é iniquidade», (1 João 3:4). Portanto, quando Deus perdoa o pecado, Ele perdoa uma transgressão da Sua Lei, um acto contra a Sua santidade.

JUSTIFICAÇÃO

Aquele que considera o pecado como algo de pouca importância e consequência, às vezes encontra dificuldade em perdoar quem o ofendeu. Evidentemente, o profeta Miqueias compreendeu, pelo menos em parte, a diferença entre o perdão de Deus e o perdão do homem. Lemos no seu livro: «Quem, ó Deus, é semelhante a Ti, que perdoas a iniquidade e que Te esqueces da rebelião do restante da Tua herança? O Senhor não retém a Sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Tornará a apedrar-se de nós; subjugará as nossas iniquidades, e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar». (Miqueias 7:18, 19). No tocante ao perdão, lemos no livro do profeta Isaías, capítulo 1, versículo 18: «Vinde então, e argui-Me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como carmesim, se tornarão como a branca lã». Davíd clamou a Deus quando entendeu a extensão da sua culpa: «Se Tu, Senhor, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá? Mas contigo está o perdão, para que sejas temido». (Salmo 130:3 e 4.)

A Base da Justificação

O perdão é a base da justificação; porém, a justificação é muito mais do que perdão. O perdão está relacionado com a pessoa que perdoa, mas a justificação favorece o perdoado. Porque além do perdão do seu pecado, ele obtém a certeza de que a culpa e o consequente castigo resultante do seu acto, foram retirados. Aquele que é justificado sabe que Deus o trata como se jamais houvesse cometido pecado. Ele está isento da condenação; está perdoado e livre de qualquer culpa.

Aos crentes da Igreja que estava em Antioquia, S. Paulo no seu sermão disse: «Seja-vos pois notório, varões irmãos, que por este (Jesus) se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê». (Actos 13:38, 39). Paulo ainda diz no livro aos Hebreus: «E jamais me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades». (Hebreus 10:17). Nos Salmos lemos: «Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões». (Salmo 103:12). Isto é uma evidência do maravilhoso amor de Deus.

Deus justifica o pecador, no momento em que este crê. Ele perdoa todo o pecado; purifica o coração, transformando a mente, dando-nos uma nova natureza; purifica a consciência de toda a culpa do pecado; tira o temor de algum dia sermos castigados pelo pecado.

A Justiça de Cristo Creditada

«A justiça pela qual somos justificados, é-nos imputada pela fé; aquela pela qual somos santificados, é-nos comunicada; a primeira é o nosso passaporte para o Céu; a segunda é a nossa adaptação para ele». — E. G. White. «Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem». (I Timóteo 2:5). Na justificação, Cristo veste-nos com a Sua justiça; desse modo somos introduzidos na presença de Deus com as Suas vestes imaculadas. É o único modo pelo qual Deus nos pode aceitar. Disse Jesus: «Eu sou o caminho e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim». (João 14:6). Cristo Jesus é a ponte que nos liga ao Pai. A Sua justiça é-nos imputada pela fé, então somos restaurados ao favor de Deus. Este é o aspecto positivo da justificação.

A parábola do filho pródigo foi dita para ilustrar a doutrina da justificação pela fé. Jesus procurou ensinar o grande amor de Deus pelo pecador. Nessa parábola ensinou que Deus recebe o homem como ele se encontra: fraco, doente, desanimado, esfarrapado, humilhado, coberto de andrajos, sem nada que o recomende diante de Deus; tudo o que o homem pode apresentar na presença divina é um coração cheio de pecado, maldade e contaminação. Deus nada lhe lança em rosto. Faz uma festa, manda tocar música. Como disse Jesus: «Este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado». (Lucas 15:11-32). Não posso melhorar em nada a minha vida. A minha parte neste assunto é consentir, permitir que o Espírito Santo me conceda uma nova vida pelo poder e graça de Deus, em Cristo Jesus. Terei apenas que, pela fé, aceitar a oferta de Deus.

Aos Romanos, o apóstolo S. Paulo explicou que a justiça de Cristo é para todos os que crêem (Romanos 3:22) e que «por uma só ofensa (de Adão) veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só acto de justiça (Cristo) veio a graça sobre todos os homens para a justificação de vida». (Romanos 5:18). «E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus». (Tiago 2:23). Isto significa que Deus **creditou** a justiça de Cristo na **conta** de Abraão; antes Abraão era inimigo de Deus, mas pela fé tornou-se «amigo de Deus».

Talvez nos seja difícil compreender a palavra «imputar». Em linguagem teológica, justiça imputada significa justiça creditada ou atribuída vicariamente a alguém. Quando a justiça de Cristo nos é imputada pela fé, isto quer dizer que Cristo credita o Seu carácter impecável e nos apresenta ao Pai na Sua própria pureza. «A grande obra feita

JUSTIFICAÇÃO

em favor do homem manchado e contaminado pelo mal é a obra da justificação. Por aquele que fala a verdade, o pecador é declarado justo. O Senhor credita ao crente a justiça de Cristo e proclama-o justo diante do Universo. Transfere o pecado para Jesus, o representante, substituto e garantia do pecador. Lança sobre Cristo o pecado de toda a alma que crê». — E. G. White.

Pela ilustração que temos no livro de Filemon, no Novo Testamento, poderemos compreender melhor o que significa justificar pela fé. Onésimo, o escravo de Filemon, tinha fugido para Roma, levando indevidamente coisas que pertenciam ao seu senhor. Ali, em Roma, encontrou-se com o apóstolo Paulo, que era amigo de Filemon. Paulo deu a Onésimo o conhecimento de Jesus Cristo como seu Salvador e mandou-o voltar para o seu patrão, Filemon, com a seguinte mensagem: «Assim, pois, se me tens por companheiro, recebe-o como a mim mesmo. E se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta». (Filemon 17:18.) Isto é imputação e é precisamente o que Cristo fez por nós. «Ele foi ferido pelas nossas iniquidades e moído pelos nossos pecados; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados». (Isaías 53:5). S. Paulo diz que Deus «O fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus». (II Coríntios 5:21). Cristo sofreu no nosso lugar, e somos aceitos e justificados sobre a única base dos Seus méritos. (Efésios 1:6).

Como se Alcança a Justificação

O método da justificação é a fé. Ela não é alcançada pelas obras. A verdade mais evidente nas Santas Escrituras é esta: «Nenhuma carne (nem de judeu nem de gentio) será justificada diante d'Ele pelas obras da lei». (Romanos 3:20). Deus não entra em pormenores sobre as obras, a justiça e os méritos pessoais de nenhuma alma. Adverte, apenas, que não podem ser apresentados diante de Deus para merecer qualquer favor no tocante à salvação.

Todos nós, diz S. Paulo, «devemos comparecer perante o tribunal de Cristo». (II Coríntios 5:10). Ninguém poderá estabelecer a sua própria justiça pela obediência à lei. Cristo salva o pecador da transgressão da lei, harmoniza-o com os Seus eternos princípios e concede-lhe poder, pela Sua graça, para que a alma ande dentro do plano da obediência como norma de vida cristã. O pecador foi salvo da imundície da carne manifesta nas várias formas de pecado como: «prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, heresias,

dissenções, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus». (Gálatas 5:19, 20).

Compreende-se que a lei só condena. Eu, com a minha nova natureza que o Espírito Santo me concede, aborrecerei aquilo que dantes fazia. Não tenho mais prazer no pecado. Morri para o pecado. E como nos diz o apóstolo S. Paulo: «Sabendo que o nosso velho homem foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado». (Romanos 6:7, 8).

Os judeus procuraram estabelecer a sua própria justiça mediante todo o sistema que a lei impunha. S. Paulo procurou reparar os erros dos Gálatas no tocante à justificação: «Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade, teria sido pela lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa, pela fé em Jesus Cristo, fosse dada aos crentes. Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados». (Gálatas 3:21-24).

De modo que a justificação não pode ser alcançada pela lei, «porque pela lei vem o conhecimento do pecado». (Romanos 3:20). A lei descobre o pecado, mas não o remove; na verdade a lei foi dada apenas para descobrir o pecado ou revelá-lo na sua monstruosidade. Quando transgredimos a lei, sabemos que temos pecado; mas a lei que nos dá o conhecimento do pecado nunca nos libertará do seu poder. «Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos, também, crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto, pelas obras da lei, nenhuma carne será justificada.» (Gálatas 2:16). «Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei». (Romanos 3:28).

A Graça é a Fonte da Justificação

Enquanto que a fé é o método da justificação, a graça é a fonte. É o favor da parte de Deus, favor não merecido. É a recepção daquilo que Deus nos outorga imerecidamente. Portanto, desde que a justificação é uma posição legal que só pode ser concedida por Deus, concluimos que a justificação é inteiramente pela graça de Deus.

O Sangue de Cristo é o Meio da Justificação

O meio da nossa justificação é o sangue de Cristo: «Sendo justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele salvos da ira». (Romanos 5:9). Sem esse sacrifício não é possível a justificação. O Calvário ajuda-nos a compreender o Evangelho em figuras no Velho Testamento. Em face do Calvário, os animais que eram sacrificados na antiga dispensação têm uma significação espiritual muito mais profunda. «Sem derramamento de sangue não há remissão». (Hebreus 9:22). Assim, o sangue tornou-se o meio pelo qual o homem é justificado. Sem ele o homem não teria qualquer caminho possível para a justificação.

A morte de Cristo na cruz e o derramamento do Seu sangue estão intimamente relacionados com a nossa justificação. Sem este sacrifício estaríamos todos perdidos. Esse plano já existia nos conselhos eternos, antes da fundação deste mundo. Jesus era: «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo». (João 1:29). E todos nós fomos «santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo». (Hebreus 10:10). No Velho Testamento, os sacerdotes ministravam diariamente e ofereciam «muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; mas este (Jesus), havendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus... Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados». (Hebreus 10:11, 12, 14). Assim todo o sistema de justificação está baseado nesse sacrifício (Romanos 5:9). O homem deveria pagar com a sua vida as exigências da lei que foi violada. Jesus cumpriu essa exigência em lugar do homem pecador. O Seu sangue expiou o nosso pecado. Não devemos pecar mais. Assim ordena Jesus: «Vai-te, e não peques mais». (João 8:11).

A Justificação é Recebida pela Fé em Cristo

O homem é justificado unicamente pela graça de Deus. Como é, então, que ele pode ser justificado? A Escritura afirma que somos justificados «por fé», portanto a fé deve ser o método ou o meio pelo qual o homem recebe Cristo e a Sua justiça.

Segundo o apóstolo S. Paulo, Deus propôs Jesus Cristo «para demonstração da Sua justiça neste tempo presente, para que seja justo e justificador daquele que tem fé em Cristo». (Romanos 3:26). Afirma também que Deus «justifica pela fé a circuncisão (todos os que são judeus), e por meio da fé a incircuncisão (todos os que não são judeus)». (Romanos 3:30). «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo». (Romanos 5:1).

Note-se que a Escritura não diz que somos justificados por causa da nossa fé. Por isso a fé não é apresentada como base da justificação. Se assim fosse, a fé seria considerada como uma obra pela qual merecemos justificação. Nas suas epístolas, S. Paulo opõe-se sempre a esta ideia, como podemos ver em Romanos 4:4-5: «Ora, àquele que faz qualquer obra, não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça». Esta declaração dá um golpe mortal na teoria segundo a qual o homem se pode justificar a si mesmo. Quando a fé de alguém é «imputada como justiça», isto indica que a pessoa deixou de pôr qualquer confiança nas suas próprias obras, e confiou somente na misericórdia de Deus para a sua justificação. A Escritura, em linguagem bem clara, diz: «É de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê». (Actos 13:39).

O primeiro passo no caminho da justificação é compreender que não é «por obras de justiça que havésemos feito, mas segundo a sua misericórdia». (Tito 3:5).

O segundo passo é crer naquele que justifica o pecador, «para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes». (Gálatas 3:22). Pelo uso das palavras «fé» e «crer» em relação à justificação, vê-se com clareza que a fé é o instrumento pelo qual recebemos Jesus Cristo e a Sua justiça.

Não há nenhuma contradição real entre Paulo, que escreveu: «o justo viverá pela fé», e Tiago que disse: «Mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras». (Romanos 1:17; Tiago 2:18). Ambos os apóstolos estavam debatendo aspectos diferentes do mesmo assunto. Paulo combatia um ponto de vista erróneo sobre a justificação, e Tiago combatia um ponto de vista erróneo sobre a fé. Tiago condena uma fé morta que não tem frutos. Paulo simplesmente rejeita as obras como tendo qualquer valor meritório. Tiago diz que a fé inactiva não nos pode justificar; Paulo diz que as obras meritórias não podem justificar-nos. Por outras palavras, a fé é a causa da nossa salvação, e as obras constituem o resultado. As obras indicam que a nossa fé é genuína.

As obras são o resultado da justificação e não o meio da justificação. As boas obras não merecem o favor de Deus na salvação, mas serão galardoadas na vida daquele que é justificado pela graça de Deus. Concluimos que o homem é justificado por um acto de Deus (Romanos 8:33), na base da justiça de Cristo, que ele recebe pela fé (Romanos 5:1), e que se manifesta pelas boas obras. (Tiago 2:14, 18-24).

O Índio

«Olho de Águia»



Um rico comerciante de madeira interessou-se profundamente, anos atrás, pelos índios do extremo norte dos Estados Unidos. Por sua própria conta, manteve diversos missionários entre eles, que labutaram com fidelidade.

A medida, porém, que o tempo ia passando, este homem bom teve crescente impressão de que um evangelista nativo, que fosse bem instruído, poderia realizar um trabalho muito mais eficaz no ensino do Evangelho. Começou portanto a procurar algum jovem indígena a quem pudesse educar e instruir para ajudar o seu próprio povo. O «Olho de Águia» prendeu-lhe a atenção. Era um jovem audaz, um autêntico gigante, com muito vigor físico e agudeza mental.

— Levarei o Olho de Águia para uma região civilizada e prepará-lo-ei para ser um missionário —, decidiu o comerciante de madeira.

O jovem concordou prontamente com o plano, pois acreditava no único Deus verdadeiro. Fizeram uma longa viagem, chegando finalmente a uma grande cidade. Este novo mundo causava muita admiração àquele índio. Os arranha-céus, os combóios que corriam com grande velocidade, os automóveis, as multidões de pessoas estranhas — que maravilha!

Dirigiram-se para um hotel modesto, mas quando se inscreveram, aquele homem de negócios descobriu que havia apenas um quarto livre.

— Não tem importância, disse a um dos funcionários. Já dormimos juntos na Terra da Eterna Neve.

Foram pois levados ao mesmo quarto. Quando se acendeu a luz, «Olho de Águia» ficou boqueaberto. A luz das velas, o brilho da Lua e das estrelas — que ele conhecia no território em que morava —, não podiam ser comparados com aquela luz mais forte que a luz solar. Houve então outra surpresa quando o amigo do índio apagou a luz.

— Como é que isto funciona? — perguntou ele.

Aquele homem desenroscou a lâmpada e disse ao índio que metesse o dedo dentro do suporte. O choque inesperado assustou-o e fez com que tirasse a mão imediatamente.

— Ui! Tem fogo dentro! — exclamou, admirando-se novamente da bela luz que a lâmpada produzia.

No dia seguinte visitaram um prédio de apartamentos. O vagaroso elevador do hotel já cau-

sara bastante surpresa, mas quando o elevador daquele outro prédio se pôs em movimento, o índio alarmou-se tanto que perdeu a calma e o equilíbrio. Recuperando o domínio de si mesmo e notando como os andares passavam velozmente, perguntou:

— Como funciona? Tem fogo dentro?

— Sim — foi a resposta que obteve.

Passaram então de automóvel. Casas, árvores e pessoas eram deixadas rapidamente para trás. «Olho de Águia» ficou deslumbrado.

— Que é que o faz funcionar? Tem fogo dentro?

— Sim, tem fogo dentro.

A sua experiência no autocarro, provocou a mesma pergunta e obteve a mesma resposta.

Certo dia, aquele negociante de madeiras teve de partir para uma viagem de negócios e deixou o seu amigo índio sozinho no quarto do hotel. Depois de algum tempo ele telefonou e o empregado do hotel pediu ao «Olho de Águia» que falasse ao telefone. Quando o nosso índio ouviu a voz do amigo chamando-o pelo nome, ficou encantado. Tão excitado estava que largou o auscultador e começou a correr de uma parte para a outra, procurando o amigo. Perplexo, voltou ao telefone agarrando o receptor. E perguntou:

— Que é que o faz funcionar? Tem fogo dentro?

— Tem, tem fogo dentro.

E assim aconteceu diversas vezes. Havia novas descobertas cada dia, pois o «Olho de Águia» era novo no mundo da electricidade em que se encontrava agora. Para onde quer que fossem, parecia existir algo com «fogo dentro».

Veio então uma violenta tempestade, que danificou a central de electricidade e as ligações telefónicas. Os autocarros pararam; os levadores deixaram de funcionar; o quarto do hotel escureceu-se.

«Olho de Águia» pensou consigo mesmo: «A luz desapareceu, o autocarro parou, a caixa que sobe e desce já não se movimenta, o estojo que conversa deixou de funcionar... Que terá sucedido?? Não há fogo dentro???»

Aquele jovem índio aprendeu uma coisa que seus irmãos e irmãs mais civilizados demoram a aprender: a fim de que haja poder exterior, é preciso haver energia interior. Se o coração de alguém estiver cheio dessa energia, ele atrairá os seus companheiros para mais perto do Mestre.

(Treasury of Devotional Aids)

AS TRÊS TAREFAS PARA 1976

Joaquim Dias



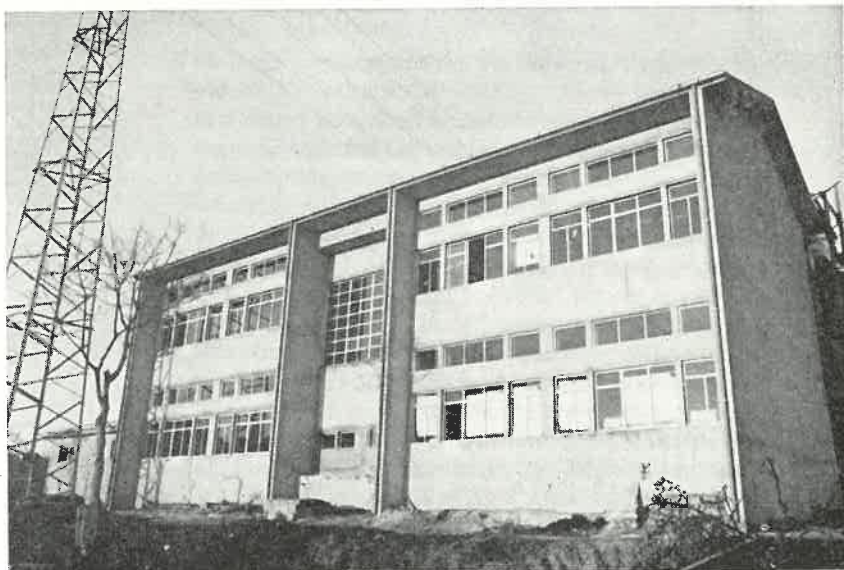
Aspectos de uma aula e da fachada do Externato Adventista de Oliveira do Douro

É NOSSO DESEJO apresentar às igrejas, por intermédio da «Revista Adventista», o programa do Departamento de Educação para o novo ano, que constitui as principais tarefas deste departamento para 1976.

Visa-se colaborar com as igrejas em geral e a formação intelectual, moral e espiritual dos lares e dos nossos filhos em particular. São três estas tarefas:

- Dar o máximo apoio às escolas adventistas existentes — Escola do Norte em Oliveira do Douro e Escola de Lisboa;
- Encorajar e ajudar a abertura de novas escolas primárias em algumas igrejas da Associação;
- Organização da «Sociedade de Pais» em cada igreja da nossa Associação.

«O ASSUNTO DA EDUCAÇÃO É DAQUELES QUE DEVEM INTERESSAR A TODO O ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA», PORQUE «NADA É DE MAIOR IMPORTÂNCIA DO QUE A EDUCAÇÃO DAS NOSSAS CRIANÇAS E JOVENS». CONSELHOS AOS PAIS, PROFESSORES E ESTUDANTES, PÁGS. 361 e 147.



Quanto à primeira tarefa, procuraremos consolidar essas escolas adventistas reconhecidas pelo Governo, dotando-as de professores cada vez mais competentes e mais consagrados, e aumentando a cada escola um ano de ensino, a fim de garantir aos estudantes a continuidade nessas escolas até ao fim do Curso Complementar dos liceus. Faz parte também desta primeira tarefa, ajudar as igrejas das zonas dessas duas escolas e muito particularmente os pais a ver e a beneficiar dos privilégios de poder pôr os seus filhos em escolas adventistas, com professores adventistas, onde cada dia escolar as actividades começam com a oração e o nome de Deus é pronunciado e honrado. É este o melhor contributo para que os nossos filhos pensem, procedam hoje e no futuro como fiéis adventistas.

No que respeita à segunda tarefa, queremos dar-lhe uma especial atenção, pois o ideal seria que em cada igreja houvesse uma escola primária. Sabemos que nem todas as igrejas têm esta possibilidade, mas outras a têm. Uma escola primária numa igreja é uma das maiores bênçãos para os nossos filhos. Só no futuro poderemos avaliar do valor real dessas cidadelas de formação e refúgio, que são as escolas primárias.

A instalação, abertura e manutenção duma escola primária de igreja, presentemente, é relativamente fácil e acessível. Quanto às instalações, bastará um compartimento da igreja, como a sala dos jovens, por exemplo, ou qualquer outro anexo com área entre 25 a 50 m² e luz lateral, já que em todas as igrejas se dispõe sempre de sanitários e um certo espaço para recreio. O equipamento, que se limita a algumas carteiras e a uma pequena lista de material didáctico, poderá rondar uma dezena de milhares de escudos e tem sido subsidiado, no passado, pelo Fundo de Escolas Primárias da Associação. No que respeita à obtenção do alvará, é justo declarar que temos encontrado nestes últimos anos, na Inspeção Superior do Ensino Particular, que faz as vistorias e concede os alvarás, compreensão exemplar e uma aju-

da sem limites no sentido de facilitar as coisas. É este, sem dúvida, o tempo oportuno para a abertura das escolas primárias de igreja. Não há presentemente a mínima dificuldade, da parte do Governo, na abertura de escolas primárias adventistas. Até quando estas facilidades? Compete-nos saber aproveitar as ocasiões!

As despesas duma escola primária são relativamente poucas e, graças ao plano financeiro da Organização para a sua manutenção, estão dentro das possibilidades da maioria das igrejas em Portugal. Estando a escola em edifício da igreja, ou próprio, a despesa a considerar é praticamente o salário duma professora, que pode leccionar até uma média de 30 alunos das quatro classes.

A diferença entre a receita das mensalidades e a despesa é suportada pela Associação e a igreja. O encargo financeiro da igreja limita-se pois a uma percentagem, de acordo com uma tabela estabelecida para o efeito.

Além das vantagens para os filhos dos crentes, uma escola primária numa igreja é um contacto com o exterior, uma maneira da igreja ser reconhecida na localidade como instituição de utilidade pública, uma razão para ser procurada pela população em busca de auxílio na educação dos filhos; em suma, um meio por excelência de evangelização. A sua grande utilidade e as suas inúmeras vantagens justificam plenamente a sua reduzida despesa.

A terceira tarefa do Departamento de Educação para 1976, organização de «Sociedades de Pais», é um complemento básico das duas outras tarefas e está ao alcance de todas as igrejas sem qualquer excepção, quer tenham ou não escola de igreja. Sobre a sua utilidade e organização, diz-nos o «Manual de Igreja»: «Um trabalho importante da igreja é a educação dos pais no tocante aos seus deveres e responsabilidades. Nos escritos do Espírito de Profecia lemos que 'o trabalho dos pais é a base de todos os outros', que os pais devem 'receber instrução para as suas sagradas responsabilidades'. Um tal ensino deve ser recebido pelos jovens moços e moças

antes mesmo de assumirem as responsabilidades da paternidade, mas como pode muitas vezes ser o caso, aqueles que já são pais devem aplicar-se para remediar a falta. O Departamento de Educação proporciona, por meio da Associação Lar e Escola ou do Concílio do Lar Cristão, um curso para a instrução dos pais, organizado na igreja local. «A Associação Lar e Escola ou o Concílio do Lar Cristão locais são organizados, com muita simplicidade, com um director, um secretário e seus auxiliares, se forem necessários. Com uma ou duas reuniões mensais, esta sociedade efectua os seus estudos sob a direcção e auxílio do Departamento de Educação. **Uma vez que 'o êxito da igreja depende das influências do lar', cada igreja deve assegurar a formação e manutenção de uma ou de ambas essas sociedades de pais**» (o destaque é nosso). «Manual da Igreja», pág. 129.

Sobre a referida ajuda do Departamento de Educação é de salientar, além do mais, a colecção da série «Lar Cristão» preparada pela Conferência Geral e que pode ser fornecida pela Publicadora Atlântico em português. Consta de doze folhetos com o essencial para um curso de formação do carácter na infância. Eis os temas desse curso: Ensino da Reverência; A tarde de Sábado e o Culto Familiar; Quando as crianças vão à igreja; Tornar a obediência interessante; O Caminho em que deves andar; Quando as crianças desobedecem; Atitudes sadias; Explicando a vida; Saúde e Felicidade; Ensinar Honestidade; A Veracidade pode ser atraente; Trabalho e Brincadeira.

Propomos que cada pastor e cada igreja, ao nível de reuniões públicas, conselho de igreja e reuniões administrativas, analise estas três tarefas, procurando adaptá-las e aplicá-las localmente e enviando as suas sugestões e observações ao Departamento de Educação da Associação, que só deseja cooperar com cada pai e cada igreja na tarefa por excelência de preparar os nossos filhos para a vida eterna.

J. Dias

tem a palavra o leitor

As cartas ou artigos a publicar nesta secção devem trazer sempre o nome e o endereço do autor. Terão preferência os textos menos longos. Os pontos de vista apresentados podem não representar a opinião dos editores da Revista Adventista e a sua publicação não envolve qualquer responsabilidade denominacional.

O ESPÍRITO SANTO E EU

Quando falamos do Espírito Santo é para comprovarmos que Ele é uma pessoa, pois sabemos que os Russelitas (Testemunhas) têm deturpado a função do Espírito Santo e embrionariamente eles desvirtuam esse Ser Santo. Entretanto, que temos nós dito, estudado, pregado (falado) sobre a NOSSA EXPERIÊNCIA com o Espírito Santo? Apresentar o Espírito Santo como uma pessoa é compreender intelectualmente a existência duma personagem. Conhecer essa Pessoa é diferente. Na verdade temos ficado muito pela comprovação escriturística da Pessoa do Espírito Santo. «Cristo, o Grande Mestre, possuía ilimitada variedade de assuntos de que escolher, mas aquele em que mais longamente se demorava era a dotação do Espírito Santo. Quão grandes coisas predisse Ele para a Igreja em virtude desse dom! Todavia, que assunto é menos considerado agora? Que promessa é menos cumprida?» — **Mensagens Escolhidas**, Liv. 1, pp. 156, 157.

Por mais estranho que pareça, o crente comum encara com excessiva cautela as consequências da chamada EXPERIÊNCIA COM O ESPÍRITO SANTO. Este assunto, duma maneira geral, nos deixa confusos e perplexos. Será como uma luz momentânea que está muito além das nossas possibilidades religiosas. E mais, falar de uma experiência com o Espírito Santo no nosso meio é arriscar a envolver-nos em sequências entre as quais avulta o rotularem-nos de **fanáticos**. «Operasse, porém, o Senhor sobre homens como fez no dia de Pentecostes e posteriormente, muitos que hoje professam crer na verdade conheceriam tão pouco da operação do Espírito Santo que haviam de clamar: 'Acautelai-vos do fanatismo!!!'» — **Ibidem**, Liv. 2, pág. 57. Na verdade, tratar deste assunto é entrar num terreno em que um halo de pretensa santidade nos é apontado, o que até certo ponto nos torna repulsivos aos menos santificados. Amigo, falar do Espírito Santo é entrar num campo insondável, como o é o Seu Autor. No entanto falar do Espírito Santo é **ESSENCIAL** ao nosso Movimento, porque d'Ele emana vida,

ensinos, E PORQUE SÓ ATRAVÉS DELE temos perfeita compreensão da obra redentora de Jesus. A doutrina bíblica do Espírito Santo e consequente experiência com o mesmo é elemento indispensável à nossa fé. Se até a fé é um dom de Deus e vem-nos através do Espírito Santo! (Efés. 2:8) O Espírito Santo é a presença do Pai na vida humana. O Espírito Santo é a operação de Deus numa EXPERIÊNCIA consciente. Gostaria de apresentar-te dois aspectos da actividade do Espírito Santo. 1) Função do Espírito Santo na nossa mente (Templo); 2) Espírito Santo na Sua Igreja (Templo).

Por Templo e conforme evidência textual bíblica, entendemos como sendo a manifestação do Espírito Santo na Igreja (Templo) ou no ser humano (Templo). Por exemplo a manifestação do Espírito Santo na Igreja é mencionada por Habacuque da seguinte maneira: «O Senhor está no Seu Santo Templo [Igreja]...» (2:20). Notemos entretanto que Deus quer salvar pessoas. Deus **não habita** em templos feitos por mãos de homens. (Actos 7:57-48) O fim em vista do Criador é a salvação das nossas vidas. O Deus vivo quer salvar **vidas**. «Da santidade atribuída ao Santuário terrestre, os cristãos devem aprender como considerar **O LUGAR** onde o Senhor Se propõe **encontrar-Se com Seu povo**.» — **Testemunhos Selectos**, Vol. II, p. 193. «O Senhor tinha em vista que o Templo de Jerusalém fosse um testemunho contínuo do elevado destino franqueado a toda a alma. Os judeus, no entanto, não haviam compreendido a significação do edifício de que tanto se orgulhavam. Não se ENTREGAVAM COMO TEMPLOS SANTOS para o Divino Espírito (Santo)» — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 113. O Pentecostes foi bem o exemplo da manifestação colectiva do Espírito Santo. «Em tudo Deus desejava que Seu povo lesse Seu propósito para a alma humana» — **Educação**, pág. 36. «Era o mesmo propósito muito mais tarde apresentado pelo apóstolo Paulo, falando do Espírito Santo: 'Não sabeis vós que sois o Templo de Deus, e que

o Espírito de Deus habita em vós?» — **Ibidem**. Mas a verdade é que, quando começamos falando do homem como o Templo do Espírito Santo, tudo começa tomando certa forma. Concluímos a pouco e pouco que a função do Templo (Igreja) tem razão de ser em face do elemento essencial, O HOMEM.

Portanto, uma coisa existe (a Igreja) em função da existência de outra coisa (o homem). «Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um Templo para morada do Criador... Deus habita na humanidade, e mediante a salvadora graça, o coração humano se torna novamente UM TEMPLO... Purificando o Templo dos compradores e vendilhões mundanos, Jesus anunciou a Sua missão de limpar a alma humana da contaminação do pecado — dos desejos terrenos. Unicamente Cristo pode purificar o TEMPLO da alma... A Sua presença purificará e santificará a alma, de maneira que ela seja UM SANTO TEMPLO para o Senhor e UMA 'MORADA DE DEUS EM ESPÍRITO'. Efés. 2:21-22. — **O Desejado de Todas as Nações**, pp. 113, 114. Jesus nos diz: «Destruí este Templo (referia-se a 'Si mesmo) e em 3 dias o reconstruirei» João 2:19. Por Templo aqui é empregue o vocábulo NAOS que é TEMPLO, SANTUÁRIO. Referia-se à Sua própria pessoa como sendo o lugar ONDE SE ENCONTRAM DEUS E O HOMEM. Diríamos que Jesus é a Cabeça e nós os membros. Mais profundamente diríamos que a Igreja é um organismo VIVO. Ninguém pode ser um MEMBRO VIVO do corpo de Cristo se Cristo não viver nele pelo Espírito Santo. Temos dois vocábulos do Grego interessantes para expressar TEMPLO. 1) IERON 2) NAOS. IERON é o vocábulo utilizado por Jesus em João 2:14; Mateus 21:12. Ao dizer-se que Jesus entrou no Templo, a palavra aqui utilizada é IERON. Tal expressão denota todo o Templo. Seja um edifício de pedra, etc. Há entretanto outra palavra Grega que é NAOS. Em sentido figurado esta palavra indicará o mais puro, mais íntimo do Santuário ou seja: o Lugar Santo, o Santíssimo. É este o termo usado por Paulo em referência ao homem. I Cor. 3:16-17; 6:19-20.

Jesus empregou NAOS em relação à Sua própria pessoa, como sendo o lugar onde se encontram Deus e o homem. Teremos, a concluir, dois aspectos da palavra TEMPLO:

IERON: Templo no seu todo. Mais precisamente um edifício, para fins de adoração.

NAOS: Em sentido figurado, O HOMEM como templo. O mais profundo da consciência humana. O PONTO ONDE O HOMEM SE ENCONTRA COM O ESPÍRITO SANTO.

C. Baptista Ávila
Angra do Heroísmo

A ORIGEM DO MAL

Como entender a frase «Eu (Deus) crio o mal» em Isaías 45:7? Uma irmã pediu-me para verificar se esta frase está bem traduzida e como entendê-la. Eis o que pude examinar:

I — EXAME DA TRADUÇÃO

- a) **Tradução de J. F. Almeida:** «Eu formo a luz e crio as trevas; Eu faço a paz e crio o mal; Eu, o Senhor, faço todas estas coisas.»
- b) **Texto Hebraico:** «Criando luz e formando treva, produzindo paz e criando (ou preparando) mal, Eu, Jeová, (sou) criador de todas estas coisas.»
- c) **Texto da tradução do Rabinado Francês:** «Formo a luz e crio as trevas, estabeleço a paz e sou autor do mal; Eu, o Eterno, faço tudo isto.»
- d) **Texto Grego dos LXX:** «Eu, quem preparou luz e fez treva, fazendo paz e chamando à existência coisas más, sou Deus, aquele que faz todas estas coisas.»
- e) **Texto Latino da Vulgata Clementina:** «Formando luz e criando trevas, fazendo paz e criando mal, Eu, o Senhor, fazendo todas estas coisas...»
- f) **Tradução de Moffatt,** perito tradutor inglês moderno: «Formo luz, faço treva, trago felicidade e calamidade; Eu sou o Eterno, o verdadeiro Deus, e faço tudo isto.»

Análise:

- 1 — Do texto hebraico: «produzindo paz e criando (ou preparando) mal» é a reprodução e explicação de «criando luz e formando treva». Se Isaías escrevesse em português, o seu pensamento diria: «Ao criar luz produz paz; ao formar a treva crio (ou preparo) mal (ou um mal)».

Se a luz é inegavelmente um Bem, a ausência de luz, ou sombra ou treva serão um Mal. Ora ninguém, nem o próprio Deus, pode produzir luz sem que automaticamente torne possível a sombra. Ninguém que apague a luz pode impedir que se formem as trevas. É assim que na Criação lemos que as trevas da noite acompanharam a criação da luz e do dia. E Deus disse que tudo isso era bom.

O que é Bem e o que é Mal para o homem, pode não ser Bem nem Mal para Deus. As concepções de Deus são infinitamente superiores às concepções humanas. Dizer que Deus pode tudo é um erro se não acrescentarmos «o que não desminta a Sua

essência»; Deus não pode morrer, não pode pecar, não pode mentir, etc. porque essas acções são contrárias à Sua essência. De igual modo, Deus não pode produzir nada que seja um contra-senso, por exemplo: fazer um Sol esférico, uma Terra esférica a rodar em torno do Sol e com movimento de rotação em volta do seu eixo e dar à Terra sempre a luz do Sol e evitar que ela seja sombreada pelas trevas da noite. Porquê? Porque seria contradizer as leis matemáticas e naturais que Ele mesmo deu ao mundo material.

Logo, voltando ao texto de Isaías, na tradução do hebraico: «Deus ao criar a luz produziu automaticamente a possibilidade das trevas; ora sendo a luz um agente de paz e bênção, as trevas, tanto materiais como espirituais, são um malefício para o homem, **embora tenham uma função benéfica na economia natural.** O mal físico das trevas é consequência da luz e ao criar a luz Eu mesmo criei as trevas, esse mal; ao criar o dia, criei a noite.» etc.

A seguir voltaremos a analisar este pensamento.

- 2 — **Os LXX:** Aparece a mesma repetição explicativa: «... fez a treva ... chamando à existência (por causa dessa treva) coisas más». Quem faz a luz provoca a sombra ou treva e os males que delas resultam.

E o mesmo podemos deduzir das restantes traduções, das quais apenas sublinhamos a de Moffatt que poderemos encarar da seguinte maneira: «ao fazer luz, faço treva e por isso trago (com a luz) a felicidade e (com as trevas) a calamidade».

Parece-me que teremos o direito de parafrasear este texto do seguinte modo:

«Quando Deus fez a luz e disse que era boa, dotou-a de propriedades, uma das quais é a sua propagação em raios luminosos rectilíneos que produzem, em certas circunstâncias, sombras; sem ela existem as trevas. Donde Deus criou no mundo físico as trevas de que ninguém gosta e, por isso, as trevas são para o homem um malefício, tanto no mundo material como no intelectual. O mal intelectual é consequência de um bem intelectual dado por Deus ao homem, ao criar a sua inteligência. Deus criou absolutamente tudo e tudo o que criou é bom mas com **possibilidades** de mal para o homem, quando seja mal empregado ou empregado em más condições. Exemplo: os remédios da farmácia são bons, feitos para o Bem; empregue-mo-los em más circunstâncias e serão

capazes de causar a morte, de que ninguém gosta, que é um Mal por excelência. Logicamente parece que o farmacêutico é o autor da morte. Metê-lo-emos na cadeia porque os seus remédios podem causar a morte? O nosso bom senso opõe-se à nossa lógica.»

A destruição predita e executada por Deus, sobre os reinos e impérios, foi um mal para eles.

- 3 — Mas nunca devemos extrair uma frase bíblica do seu contexto ou frases em que esteja enquadrada. Assim, ao ler em Salmo 10:4 a frase «Não há Deus», se não observarmos o que vem atrás: «... o ímpio não investiga; todas as suas cogitações são: não há Deus», cairemos em disparate total.

Ora, ao observar o contexto de Isa. 45:7, que vemos?

- a) Deus envia uma mensagem ao imperador Ciro da Pérsia em que lhe faz promessas (45:1-4).

- b) Qual era a religião de Ciro? A História indica que era a de Zoroastro, em que havia dois Deuses: o do Bem e o do Mal. Adoravam o do Bem pelos benefícios que dava, e o do Mal para que não produzisse malefícios.

- c) Mas a religião pura de Israel (que é a nossa) ensina que há um só Deus. Por intermédio de Isaías, Deus dizia a Ciro: «Eu sou Jeová e não há outro, fora de Mim não há Deus; Eu te cingirei ainda que tu não me conheças (...) Eu sou o Senhor e não há outro» (45:5-6). E, a seguir, (V.7) aparecem combatidas as ideias de Zoroastro sobre benefícios recebidos do Deus do Bem, e os malefícios atribuídos ao Deus do Mal. Neste versículo 7 parece-nos ouvir Deus dizer a Ciro: «deixa-te dessas ideias erradas da existência de dois Deuses onnipotentes: o que cria a luz e faz a paz; o que cria as trevas e cria ou produz o mal; **há um só Deus** que fez e faz todas as coisas.» Lembremos que o Deus organizador do reino dos Israelitas foi o desorganizador dos impérios pagãos cheios de crimes e violências.

II — QUAL É A ORIGEM DO MAL?

Dos mistérios que só Deus conhece e não revelou ao homem (Deut. 29:29), o mais difícil é o da origem do Mal. É dos que compreenderemos **perfeitamente**, só quando estivermos no Céu, de posse de uma inteligência angélica. O que não quer dizer que não possamos ter alguns vislumbres.

É do conhecimento geral que o Mal provém do Arcanjo Lúcifer que se tornou no Diabo. Se ele era Arcanjo, foi **ser criado** por Deus e não é portanto **um Deus**. Estava errada a doutrina de Zoroastro! Mas, na criação de Lúcifer, Deus fez um ente idêntico aos anjos, dotado de inteligência e vontade. Podia tê-lo criado destituído dessas duas qualidades mas, então,

O VALOR DO DINHEIRO

teria sido um estúpido autómato e como tal não teria tido possibilidades de fazer **nada**, a não ser aquilo a que fosse empurrado por Deus. Ao criá-lo inteligente e dotado de vontade própria, Deus deu-lhe a possibilidade de raciocinar, escolher o que lhe parecesse Bem, pôr em execução o que escolhesse. E vai ele raciocinou mal, escolheu e pôs em execução o Mal! Diremos que Deus é o autor do Mal por ter criado um Lúcifer inteligente e com vontade própria? Não, porque Lúcifer aplicou incorrectamente as suas potencialidades e justamente porque as possuía.

Foi exactissimamente o que se deu com o primeiro homem, inteligente, com vontade própria: aplicou mal a sua inteligência e vontade. Quando Deus o fez com estas potencialidades, «à Sua imagem e semelhança», deu-lhe a **possibilidade** de escolher bem ou mal. Ele escolheu o Mal. A finalidade de Deus ao criar Lúcifer, anjos, Terra, animais, homem, etc., não foi para que escolhessem o Mal, procedessem mal, fizessem malefícios, mas estes existem **por uma aplicação diferente da intentada por Deus**.

Os piolhos, as pulgas, micróbios, etc., constituem uma praga maléfica para o homem. Diremos: Deus criou-os, logo criou essa praga? Mau raciocínio. Toda essa bicharada arranja modo de viver sem molestar o homem. Se o molesta é que o homem, por ignorância, descuido, falta de limpeza, de higiene, de profilaxia, etc., se torna propício ao seu ataque e a um modo de existência que não é a que de princípio lhes era destinada. Quando atacam o homem empregam as suas potencialidades em meio ou ambiente para o qual Deus os não criou.

Deus só podia ter obstado ao Mal, criando seres celestiais e humanos destituídos de inteligência, de vontade e restantes faculdades, o que equivale a dizer: criando seres que não poderiam ser considerados humanos. O mesmo se pode dizer dos animais flageladores da humanidade: criando-os destituídos das suas potencialidades, isto é, quaisquer seres que não seriam nada parecidos com tais animais. E ainda poderíamos dizer o mesmo com todas as forças naturais incorporadas na matéria e que tantos males ocasionam aos seres vivos, tais como fâscas, tremores de Terra, ciclones, etc. A electricidade, que tantos benefícios nos dá quando bem orientada, pode matar quando mal empregada. Nunca poderia fazer esses males se fosse destituída das suas potencialidades, da sua essência, mas, então, não seria electricidade!

Visto o problema do Mal sob este ângulo, vislumbramos que Deus, ao criar o Bem, os agentes do Bem físico e moral, dando-lhes essências e potencialidades, que não é possível tirar-lhes sem os aniquilar, deu-lhes **possibilidades** de Mal e assim lógica e precipitadamente podemos dizer que criou também o Mal. Mas no Seu

Durante a sessão da Conferência Geral, em Viena, as coisas que aconteceram «atrás dos bastidores» foram de tal maneira interessantes que ultrapassaram quase até aquelas que se apresentaram em público. Por exemplo, todo o problema de cuidar do dinheiro. Existe um problema especial na Europa, uma vez que cada país tem a sua moeda e as pessoas nem sempre se previnem com suficiente dinheiro cambiado, especialmente quando estão de visita apenas um ou dois dias. As ofertas são assim dadas em toda a espécie de moeda.

«Quem tem a responsabilidade do dinheiro?» indaguei, de pessoa em pessoa, nos bastidores. Não me lembro quem me disse que era o Pastor Stanley Folkenberg. Era uma boa notícia, pois trata-se de um antigo colega da escola. Tinha quase a certeza de que ele me deixaria espreitar dentro de um dos compartimentos de contagem no domingo de manhã, visto que todo o dinheiro teria ficado arquivado durante a noite. Acertei. Ele disse onde se faria a contagem e autorizou que eu levasse um fotógrafo comigo.

Mas eu não estava preparada para ver aquele dinheiro todo. Pilhas e pilhas de caixas e mesas completamente abarrotadas. Quinze pessoas trabalhavam em dois compartimentos diferentes tão rapidamente quanto podiam. Esperavam ter de trabalhar pelo menos durante seis horas seguidas. (Por fim foi preciso mais de 8 horas.)

«Como são as medidas de segurança?» perguntei a Stanley.

«Bem, os homens da segurança do edifício são tão eficientes que não temos muito a recear», respondeu ele. «Quando as ofertas são levantadas e trazidas para aqui, um par de polícias do Stadthalle acompanha-nos até aos compartimentos designados. Além disso, não nos preocupamos, porque sabe-se que não se pode entrar nesta zona do edifício sem o cartão apropriado.»

Reparei que o dinheiro tinha toda a espécie de formatos. Algumas moedas eram redondas, outras quadradas; outras tinham furos no meio; umas eram pesadas; outras, leves. As notas variavam na cor, na espessura e no tamanho. Barbara Folkenberg disse-me que daquela vez havia 59 espécies de dinheiro, mais quatro não identificadas.

«Vê aqui estes grandes cestos de cartão?» perguntou. «Bem, é com isto que começamos a separar o dinheiro.»

Num canto estava uma máquina eléctrica trabalhando a uma velocidade louca, a separar por tamanhos as moedas que lhe deitavam para dentro.

Bárbara contou-me visivelmente divertida: «Alguém enganou-se a carregar no botão desta coisa e, em vez de separar as moedas, quando estava completamente carregada, despejou tudo para o chão! Havia de ver-nos todos de gatas a apanhar milhares e milhares de moedas. Finalmente acabámos por recorrer a umas grandes conchas parecidas com as pás do lixo.»

«Bem se diz que o dinheiro é imundo», retorquiu Stanley, «quando acabamos de fazer a contagem, veja como as mãos ficam realmente sujas!»

Fiquei ali a olhar para aquelas notas amarrotadas, algumas vinçadas e gastas, outras mesmo fixadas com fita gomada. Senti um incómodo nó na garganta. Quanto sacrifício representavam aquelas notas! Quantos planos de comprar roupa e alimento e abrigo teriam sido postos de parte para que este dinheiro pudesse ajudar a terminar a obra de Deus na Terra! Pus-me a imaginar algumas das mãos rudes, calosas, que tão generosa e afectuosamente colocaram aquele dinheiro nos cestos da oferta. Os meus cheques de viagem tornaram-se de súbito tremendamente pesados na minha carteira.

Miriam Wood

desígnio não entrou a obrigatoriedade fatídica do Mal, apenas a possibilidade.

Mais um exemplo: a C.P. arranjou barcos cómodos para transporte de passageiros do Tejo. Um dia, um passageiro teve a triste ideia de se atirar ao rio e morreu afogado. Teria a C.P. produzido essa morte porque arranjou o barco? Evidentemente que não. O barco não foi feito para que os pas-

sageiros o utilizassem no suicídio. A finalidade do barco foi o transporte de passageiros e entre **as possibilidades** figurava essa de ser utilizado como trampolim para suicidas.

Em resumo final: Deus, ao criar o Bem, criou a **possibilidade** do Mal, mas nos Seus desígnios não entrou a **obrigatoriedade fatídica** do Mal.

A. Dias Gomes

IGREJA DE CANELAS

No dia 21 de Dezembro, pelas 12 horas, teve lugar a cerimónia de casamento dos jovens irmãos na fé Joaquim Cândido Ferreira e Quitéria Marques. Esteve presente um grande número de irmãos e visitas onde a sala estava decorada com flores e onde o cravo branco nos indicava a pureza do acto e a necessidade de todos nos vestirmos desta cor, para assistirmos às Bodas do Cordeiro. Grande número de convidados ajudaram a abrilhantar esta cerimónia. Damos os parabéns aos Pais dos noivos pelo privilégio de verem os seus filhos unidos num «jugo» igual e conforme os princípios da nossa Igreja. Felicitamos os nubentes e suplicamos a Deus que lhes conceda um lar ditoso e dias prolongados e cheios de bênçãos.

No Sábado dia 27 de Dezembro foi celebrada uma sessão baptismal, o que fez aumentar o número de crentes da Igreja de Canelas. Foram 5 irmãos que nasceram de novo, e prometeram a Deus obediência para toda a vida. Durante este mês realizou-se na Igreja: uma cerimónia de Santa-



Novos membros da Igreja de Canelas

-Ceia, um casamento, uma Festa de Natal e para terminar, esta festa de batismos. Suplicamos a Deus, para que estas novas irmãs se mantenham firmes e fiéis até ao fim das suas vidas e possam agora trabalhar, para

que através do seu testemunho, tragam outras «almas» aos pés de Jesus. «... e todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar».

Manuel Laranjeira

IGREJA DA SERRA DE S. TIAGO (AÇORES)

«... a vossa região os ESTRANHOS
a devoram em vossa presença»

ISAÍAS 1:7

Falar destas paragens é ter de dizer que o vento e a chuva são as constantes de todos os dias. Os mares são os piores do globo. As pessoas, religiosamente falando, são das mais duras que temos conhecido. Não esquecer de que quem redige estas palavras é natural destas paragens... Quando aqui chegámos vínhamos «embalados» pelo trabalho realizado, graças ao Senhor, na Igreja de Luanda. Mas o panorama local sinceramente era de desânimo, sobretudo pela falta dum pastor constantemente em Angra porque o Pastor local tem de se deslocar à Ilha do Pico com sua esposa, o que é deveras embaraçoso, principalmente quando tem de viajar no Inverno, e essa viagem é feita várias vezes no ano. Há agora um total devotamento àquilo que chamamos de

Trabalho Missionário. A nossa igreja da Serra de S. Tiago foi totalmente remodelada. Conseguimos, graças ao Senhor, que na B.A.4 nos fosse oferecido cimento, tintas e lá fomes ao trabalho. Não só temos a agradecer aos irmãos que se empenharam neste trabalho, como algumas visitas que se prontificaram a nos ajudar. E neste momento «temos um lugar para dar honras ao nosso Criador», isto no dizer de uma irmã. No Bairro da Serra de S. Tiago, e depois de termos preparado a nossa igreja, saímos pela primeira vez ao trabalho. Fizemos distribuição de folhetos de uma à outra extremidade deste lugar. Foram aproximadamente 250 impressos dados. Agora está o ancião local empenhado com a ajuda do Pastor Mendonça, numa série de conferên-

cias que começarão no segundo domingo de Janeiro. Isaías nos diz: «a vossa região os estranhos a devoram em vossa presença...» Na verdade, aos nossos olhos e em nossa presença, vemos Igrejas que, não tendo a verdade, andam de casa em casa. Isto através da minha experiência religiosa e das coisas que mais me impressionam. NÃO DEVE ACONTECER ISTO. Temos a agradecer ao Pastor Mendonça por nos dar possibilidades de realizarmos em nome do Senhor todo este trabalho. Estamos pensando pedir uma autorização para nos primeiros dias de Janeiro pôr umas colunas (altifalantes) e durante dois dias darmos ao vivo mensagens na Igreja de Angra, para que as pessoas saibam que «aqui está a paciência dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus.» Para finalizar este já longo apontamento queria dizer-vos que, graças ao Criador, conseguimos grátis 20 a 30 minutos na Rádio Laies, onde temos dado as Mensagens do Senhor. Orem por nós. MARRANATA!

Carlos B. Ávila
Ancião local

EXTERNATO ADVENTISTA DE OLIVEIRA DO DOURO

Nesta época tão marcada pela corrida à comodidade e à riqueza, que infelizmente nada de essencialmente bom trazem ao homem — nem a paz nem a alegria — ainda há homens que se dedicam a actividades não remuneráveis que exigem esforço e coragem. Tal é o caso do Irmão Serafim Teixeira que tomou à sua responsabilidade o trabalho voluntário da condução da carrinha do Externato Adventista no Norte. Esta actividade requer deste irmão cerca de seis horas de trabalho diário, sendo 3 horas de manhã e o mesmo tempo de tarde, fazendo cerca de 150 km por dia.

Quando o Pastor Dias, juntamente com o signatário, falava à igreja de Espinho na necessidade de enviarem os seus filhos para o Externato, nessa altura o Irmão Serafim, sem ser coagido a fazê-lo, tomou a decisão de, durante um ano, ser o motorista da carrinha.

Não foi sem uma certa emoção que se aceitou tão grande oferta, sabendo



de antemão que o tempo é tão precioso para quem tem uma família constituída. Estamos certos que o Irmão Serafim apesar de despender tanto esforço diariamente se sente feliz por poder cooperar na Obra de Deus na região Norte de Portugal.

Oxalá que o seu exemplo seja seguido por outros irmãos e assim, no pró-

ximo ano lectivo, este trabalho continue a ser feito nos mesmos moldes.

Peço a todos os leitores da **Revista** para orarem pela obra que está sendo feita no Externato do Norte e que Deus suscite mais vocações para a conclusão da Sua Obra.

António A. Maurício



LAR DE PERO NEGRO



PROGRAMA FESTIVO OFERECIDO POR JOVENS

No sábado 18 de Janeiro estiveram de visita a este Lar jovens de três igrejas da zona de Lisboa: Alvalade, General Roçadas e Odivelas. Acompanhados por vários irmãos, chegaram a Pero Negro de automóvel ou de comboio cerca das 15 horas.

Na sala que serve ao mesmo tempo de refeitório e de capela, para onde se haviam deslocado todas as cadeiras existentes na casa, realizou-se então um programa festivo com hinos, poesias, slides, etc., apresentado pelos jovens das mencionadas igrejas que desejaram colaborar no que foi uma espécie de presente de Natal, apenas com alguns dias de atraso.

Foram cerca de duas horas em que a alegria reinou entre todos os presentes — perto de uma centena de pessoas — que não deixaram de manifestar aos simpáticos jovens e respectivos dirigentes o merecido apreço pelo seu gesto de fraternidade em favor dos que ali residem.

Esperamos ver esta experiência repetida e o exemplo seguido por outras igrejas.

J. Morgado

caixa de perguntas

PREDESTINAÇÃO

Escrevem-nos: «... Peça a bondade de me explicarem: Romanos 9:15-22».

Deus predestina carácter, não pessoas. Todo o mau carácter é destinado a perecer, ao passo que o bom será salvo. Assiste-nos a faculdade de escolher o carácter que quisermos, e todos são convidados a escolher o que é recto. Recordemos a doce promessa: «Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho Unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16).

Decerto que Deus onisciente sabe de antemão quem será salvo e quem se perderá. Mas este pré-conhecimento não implica pré-destinação. Previsão não significa, nem implica, prefixação ou predestinação. S. Paulo nos versículos citados não trata da predestinação, mas sim da conveniência de deixarmos entregue à infinita sabedoria divina todo o problema que não somos capazes de compreender. Deus faria injustiça se predestinasse uma pessoa para a perdição, já antes de tal pessoa haver nascido. Não podemos conceber tal coisa, num Deus justo e amoroso. Diz Paulo no versículo 14: «Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma». Deus quer que todos se salvem. Veja, por favor: Êxodo 20:6; Isaías 55:7; Ezequiel 33:11. Decerto

que Deus também quis salvar Faraó, mas este recusou-se e por isso se lhe endureceu o coração.

Cada qual traça o seu próprio destino ao fazer a escolha, ou a favor de Deus ou contra Ele.

Ainda no caso do Faraó, alguém comparou, muito acertadamente, Deus com o Sol que, ao mesmo tempo que derrete o gelo e a manteiga, endurece o barro. Este duplo e oposto resultado depende, evidentemente, do objecto, da criatura, e nunca do Criador. O Sol é sempre o mesmo, com a mesma luz e calor; da natureza do objecto sobre qual brilha, é que depende o resultado.

Se fosse certa a doutrina da predestinação, tal como geralmente se apregoa, isto é, de que Deus já destinou uns para a salvação e outros para a condenação — perguntamos: como se explicariam, então, as promessas da palavra divina, tantos convites ao pecador, para que se arrependa e deixe o mau caminho? Tais promessas e convites seriam incompreensíveis e inoperantes.

Se o nosso prezado consulente possuir o livro **Patriarcas e Profetas**, poderá ler um bom trecho sobre o assunto, nas páginas 223 e 224. Noutro livro, **Testemunhos para Ministros**, diz, ainda, a Irmã White: «O homem é predestinado para operar a sua salvação, com temor e tremor. É predestinado para cingir a armadura, para combater o bom combate da fé. É predestinado para empregar os meios que Deus pôs ao seu alcance, a fim de combater os desejos profanos, enquanto Satanás põe em jogo a sua vida. É predestinado para vigiar em oração, para examinar as Sagradas Escrituras e fugir das tentações. É predestinado para ter fé continuamente. É predestinado para ser obediente a toda a palavra que procede da boca de Deus, para que seja, não apenas ouvinte, mas cumpridor da mesma palavra. É esta a predestinação de que fala a Bíblia».

Estejamos certos, pois, de que nenhum passo da Sagrada Escritura, — embora, por vezes, assim pareça — ensina a doutrina da predestinação pessoal quer para a glória quer para a condenação. Se assim fosse, seria a destruição da estrutura sobre a qual se ergue o plano da salvação que pressupõe, clara e inequivocamente, a acção livre do homem.

MOMENTOS DE ALEGRIA PASSADOS COM O CONJUNTO "MARANATA"

Num ambiente de cordialidade e são humorismo, realizou-se na Aula Magna da Universidade de Lisboa uma bonita apresentação do Conjunto Maranata, em benefício dos retornados de Angola.

Foram duas horas de apresentação, em que se não sentiu o tempo passar, ouvindo músicas alegres, interpretadas com muita graça e humor, sem entretanto descambar para a vulgaridade dos nossos dias.

Duas partes do programa foram dedicadas a este género de música, intercaladas com historietas muito bem contadas pelo Toni, o que nos fez esquecer, por um pouco, o clima de tensão e ódio em que se vive nestes últimos tempos.

A terceira parte, dedicada a música sacra e hinos religiosos, continha uma



mensagem bem definida da nossa esperança e da verdade que abraçamos.

A voz unânime de todos os que assistiram a este recital foi que o Conjunto agradou plenamente, e que

tem diante de si uma grande oportunidade e responsabilidade de enaltecer cada vez mais o nome que escolheram: Maranata! O Senhor Vem!

B. Raymundo

breves notícias

★ Entre os passados meses de Outubro e Novembro, chegaram ao território da União Este Brasileira 81 refugiados adventistas do sétimo dia, provenientes de Angola. Esperava-se a chegada de vários outros para breve. Estes refugiados receberam alojamento e alimentação num acampamento de juventude perto do Rio de Janeiro. Foram-lhes distribuídos cobertores, roupas e alimentos pelo SAWS. O irmão Grady, director do Socorro Adventista no Brasil, informa que os obreiros empenhados nesta actividade têm estado excepcionalmente ocupados este ano, ajudando as autoridades a dominar uma epidemia de meningite e a socorrer vítimas de várias inundações que têm assolado todo o país.

★ O Hospital Memorial Giffard em Nuzvid, na Índia, fundado em 1925, celebrou em Novembro de 1975 o seu cinquentenário, cujas cerimónias incluíram a abertura duma nova ala para crianças, oferecida pela médica Dr.^a Elizabeth Hiscox, que trabalha naquele hospital desde 1938. O hospital foi construído graças aos esforços do Dr. T. R. Flaiz, médico americano que conseguiu do Rajá Teleprole uma generosa contribuição em terreno e em dinheiro para a construção. Das cerimónias do cinquentenário fez parte o descerramento de um retrato do Rajá de Teleprone oferecido pela viúva, que foi convidada de honra. O Hospital Giffard é o único com escola de enfermagem adventista na Índia e, apesar das suas já antiquadas instalações, é bastante conhecido e apreciado, tendo já contribuído com a sua influência para o estabelecimento de dez igrejas na área de Nuzvid.

★ No passado mês de Novembro, a Casa Publicadora Belga fundiu-se com a Casa Publicadora Holandesa, dando origem a uma nova instituição com o nome de Stichting Uitgeverij Veritas, com sede em Hague. Servirá as populações de língua holandesa dos dois países e de outras partes do mundo.

★ O livro «A Histórica Bíblica» em islandês é um dos maiores êxitos de livraria na Islândia. Devido a ter aquele país uma população relativamente pequena, raramente uma edição de qualquer livro excede 1500 exemplares. No entanto, já se venderam mais de 8000 exemplares de «A História Bíblica» de Arthur Maxwell. Os colportores visitam todas as casas da Islândia pelo menos uma vez por ano.

do mundo adventista

★ Durante o ano de 1975, os colportores estudantes da União das Antilhas venderam literatura num total de cerca de 4 milhões de escudos. Oitenta e dois estudantes ganharam as suas escolagens, em comparação com os 38 que o haviam conseguido no ano anterior. As escolagens foram conseguidas com a seguinte distribuição: um estudante ganhou oito escolagens, três estudantes ganharam três escolagens cada, oito conseguiram duas, e vinte conseguiram uma escolagem cada um.

★ O Pastor R. Lehnhoff e sua esposa chegaram à Suíça no dia 5 de Janeiro, para se fixarem na Europa durante dois anos. O Pastor Lehnhoff começará uma campanha de evangelização em Salisburgo, na Áustria, a 22 de Março. Seguidamente organizará novas campanhas no Sul da Alemanha e noutros lugares, durante a sua permanência nos territórios das Divisões Euro-Africana e Norte-Europeia-Occidental-Africana.

★ O SAWS (Socorro Mundial Adventista), em conjunto com a Divisão Interamericana, enviou a quantia de 12 000 dólares como primeiro auxílio aos sinistrados do furacão Olívia, no México, onde quatro das nossas missões e conferências sofreram pesados prejuízos. A cidade de Mazatlán, na Missão do Pacífico, foi a mais duramente atingida. Quarenta por cento das casas foram destruídas e muitos dos nossos membros ficaram sem abrigo.

★ Apesar de dois golpes sucessivos terem agitado a vida política, social e económica no Bangladesh, durante o passado mês de Novembro, todos os nossos obreiros naquele país se encontram bem. Um telegrama enviado à Conferência Geral pelo tesoureiro da Secção Sul da Ásia, dizia: «O trabalho continua como normalmente.» A nossa principal actividade naquele país concentra-se na obra médica, como meio de evangelização.

★ Na Divisão Interamericana baptizaram-se 38 467 novos membros durante os primeiros dez meses do ano passado. Espera-se que, no fim de Dezembro, se tenha alcançado o número de 48 000 baptizados. O Conselho daquela Divisão adoptou como objectivo unir todos os esforços, com a ajuda de Deus, para alcançar, durante o quinquénio que termina em 1980, o número de 250 000 membros.